

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S237u Santos, Cleunice Lopes dos.

Um Olhar Sobre o Vazio Existencial e a Insatisfação do Indivíduo na Pós-Modernidade: em todos os nomes de José Saramago. – Pontes e Lacerda - MT / Cleunice Lopes dos Santos. – 2011.
44 f.

Orientador (a): Madalena Aparecida Machado.
Universidade do Estado de Mato Grosso. Instituto de Linguagens.
Departamento de Letras, 2011.

1. Anonimato. 2. Busca. 3. Identidade. I. Título.

CDU 37.0(817.2)

Bibliotecária: Suzette Matos Bólito – CRB1/1945.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CLEUNICE LOPES DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE O VAZIO EXISTENCIAL E A
INSATISFAÇÃO DO INDIVÍDUO NA PÓS-MODERNIDADE: EM TODOS OS
NOMES DE JOSÉ SARAMAGO**

PONTES E LACERDA/ MT

2011/2

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CLEUNICE LOPES DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE O VAZIO EXISTENCIAL E A
INSATISFAÇÃO DO INDIVÍDUO NA PÓS-MODERNIDADE: EM TODOS OS
NOMES DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia apresentada à banca avaliadora dos trabalhos de conclusão de curso – TCC, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Letras, da UNEMAT no campus universitário de Pontes e Lacerda, sob orientação da Profª. Dra. Madalena Machado

PONTES E LACERDA/ MT

2011/2

CLEUNICE LOPES DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE O VAZIO EXISTENCIAL E A
INSATISFAÇÃO DO INDIVÍDUO NA PÓS-MODERNIDADE: EM TODOS OS
NOMES DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) como
requisito parcial para obtenção do título licenciada plena em letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Madalena machado

Prof. Dr. Helvío Gomes Moraes Junior

Prof^a Ms Gislei Martins de Souza

Prof^a

RESUMO

Neste trabalho tomamos a obra **Todos os nomes** (1997) do autor José Saramago, como base para percebemos a formação da individualidade do indivíduo através do personagem, Sr José que parte em uma busca que o levará a sair da rotina diária a qual era submetido. Para isso, a pesquisa dialogará com vários teóricos que estudam e buscam compreender o comportamento humano. Observaremos na obra o ser fictício, um homem cercado por regras e pela burocracia trabalhista. E que não fazia parte da elite, portanto sua vida resumia-se na Conservatória Geral, onde se mantinham todos os registros, tanto dos vivos quanto dos mortos. A fim, de chegarmos ao processo que leva o indivíduo a se descobrir em meio à sociedade, observaremos a trajetória do personagem que parte em uma busca vencendo vários obstáculos, trilhando por caminhos desconhecido, descobrindo com isso, que essa busca por satisfações além de preencher as horas vagas de descanso dá a ele um novo sentido à vida possibilitando ao protagonista um sentimento de confiança, o qual nunca havia experimentado antes. Observamos através do *corpus* literário de José Saramago que essa busca, é importante, pois através dela o homem descobre a si mesmo e libertar-se da escuridão em que vive. Os mistérios, segredos e perigos que envolviam o personagem nos faz ter um novo olhar sobre nossa vida dando nos a oportunidade de, enfrentar nossos medos, a fim de nos libertar deles.

Dedico este trabalho aos meus pais, Antonio M. Lopes e em especial a minha mãe Naurinha M. S. Lopes que sempre esteve ao meu lado intercedendo por mim em suas orações. Aos meus irmãos Cleide L. dos Santos e Joaquim M. L. Neto. Minha sobrinha Mikely L. Rodrigues. Aos meus amigos que souberam compreender minha ausência e aos meus professores que estavam sempre prontos a sanar minhas dúvidas apontando o caminho que me levaria ao conhecimento...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força em um momento tão difícil de minha vida, aos meus pais e amigos pelo apoio, ao meu patrão Luiz Antonio Aba' pela compreensão e em especial agradeço a minha orientadora, Prof^a Dr^a Madalena Machado por acreditar em mim e me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho.

“O que não existe é mais bonito”

Manoel de Barros

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	09
2 - CAPÍTULO 1: A LITERATURA E O CONHECIMENTO DE SI.....	11
3- CAPÍTULO 2: A BUSCA DO DESCONHECIDO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	21
4 - CAPÍTULO 3: CAMINHOS QUE LIBERTAM.....	28
5 - CONCLUSÃO.....	42
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de trabalhar ficção e teoria, a fim de observar através da obra **Todos os Nomes** (1997) de José Saramago a insatisfação do sujeito, que diante da rotina diária decide vencer seus limites e ir à busca de uma razão para sua existência. A presente obra contribui para a compreensão do humano. Para isso, se faz necessário refletir sobre a forma como o personagem se comporta e expressa seus pensamentos, bem como, observar como a solidão contemporânea leva o homem ao vazio existencial, e como ele inconformado com a falta de conhecimento e liberdade se lança no desconhecido vencendo seus limites à procura de uma razão para a vida.

O propósito deste trabalho é observar as questões que envolvem o personagem na Literatura pós-moderna, se sente insatisfeito com sua condição e desperta refletindo sobre si, ao perceber como todos a sua volta agiam da mesma maneira como seguindo uma rotina diária percebe que era idêntico, a seus colegas, idênticos aos personagens de sua coleção de recorde sobre pessoas famosas. Todos os viam mais não sabiam nada sobre eles, quem de fato eram aquelas pessoas? Essas questões fazem gerar conhecimento à medida que o indivíduo passa a buscar respostas para elas, com isso o homem deixa de ser conformado com sua condição e passa a agir de acordo com suas vontades podendo com isso experimentar momentos de satisfação proporcionando a ele conhecer a si. Optamos por estudar o texto de Saramago porque ele relata a atualidade, na qual o indivíduo vive alienado preso por regras, sem conhecer a si, sem ter vida própria.

Ao estudarmos a romance de Saramago, o fazemos comparando-o a teóricos que tratam da identidade, como ensina Antonie Compagnon, que defende que a literatura fala do mundo e de si mesma, pois faz relação com o texto e a realidade, e como a literatura pode influenciar o homem a desprender-se das regras a fim de tornar-se livre. Perrone-Moisés também traz uma associação da literatura com o real, tendo em seu texto como ingrediente principal a dúvida, e a verdade, sendo que na literatura é fundamental trabalhar com o imaginário, enquanto Antonio Candido ensina que o homem tem o direito a uma vida de dignidade, e através da literatura podemos encontrar o caminho que nos possibilitará encontrá-la, nos desprendendo das tradições estabelecidas como ensina Stuart Hall, enquanto que Gilles Lipovetsky em seu texto nos ensina, que a literatura intima o indivíduo a se reconhecer e precipitar-se num trabalho interminável de libertação sendo, que para Maurice Blanchot as questões do horizonte, vazio, nada levam o homem a questionamentos, e a literatura é que revela esse dentro vazio. Marilena Chauí vai tratar da questão, de como o

indivíduo vê o mundo a sua volta sendo, que o olhar de cada pessoa vai definir o mundo de maneira diferente e, para o indivíduo se conhecer, ele precisa sair fora de si para ter consciência de liberdade e não ficar preso em seu interior sendo lentamente aniquilado como explica Gastón Bachelard. O texto de Saramago nos permite por meio do personagem principal observar os caminhos que leva o homem a se perceber como um sujeito alienado e como ele inconformado com essa condição passa a procurar meios de se libertar e conhecer a si como indivíduo em meio a uma sociedade ditada por regras, as quais devem ser devidamente obedecidas sem questionamentos. A figura humana na obra de Saramago é o retrato da sociedade que vive de máscaras, as quais são determinadas pelo senso comum impedindo o sujeito de demonstrar suas opiniões, seu verdadeiro eu.

CAPITULO I

1 - A LITERATURA E O CONHECIMENTO DE SI

Por meio do texto literário o homem se lança na descoberta de si, criando através de seus conhecimentos uma forma melhor de apreender a existência. A literatura provoca uma inquietação que leva o indivíduo a sair do senso comum, com isso procura o domínio da própria liberdade, ou seja, adquire o poder de dizer não às convenções e às regras sociais. A literatura proporciona a liberdade fazendo com que o homem possa ser mais autônomo, indo contra todas as coisas que o inferioriza e o menospreza. No texto literário, o que importa não é o desfecho da obra, mas o desenvolvimento que leva o leitor à reflexão. Ele tem uma característica central, de fazer o homem refletir sobre a formação humana, recriando o real desde a imaginação, o indivíduo no momento que se lança nesse mundo, cria para si a oportunidade de libertar-se e aventurar-se em um mundo novo com diferentes experiências.

O texto literário trata de acontecimentos que envolvem os personagens que podem ser reconhecidos no cotidiano, envolvidos pela luta por ser reconhecidos na sociedade. Ainda sobre o tema literatura, trataremos da obra **O demônio da teoria** (2001) de Antonie Compagnon, em que este defende que a literatura fala do mundo e de si mesma. Isto porque há uma relação com o texto e a realidade, entre texto e mundo, a literatura se interessa pelo mundo real e se utiliza dele para produzir suas personagens e acontecimentos possíveis de ser representados. O mundo se vê na obra e cria uma imagem do que lê, com isso pontuamos que a literatura amplia o horizonte do indivíduo fazendo-o sair do aqui e se tornar um ser pensante, capaz de refletir sobre si mesmo. Como o mundo funciona dentro de uma obra literária, proporcionando criticidade, questionando a sociedade em que o homem vive, faz sair do senso comum. Mas nem todos conseguem perceber como uma obra pode ser produtora de conhecimentos, por exemplo, a chamada literatura de massa, na qual os leitores não conseguem observar os movimentos vivos dentro da obra. O que importa na literatura é a problemática que ela traz, não tem uma resposta. Então como saber o que o autor quis dizer ao escrever uma obra literária? Um leitor leigo não vai compreender nem interpretar o que já está posto, mesmo que a literatura se interesse e retrate o real, ela não implica ser real. A literatura não tem uma fórmula nem um princípio que possa ser explicado. E é isso que nem todos os leitores vão compreender, pois “a obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o

livro não tivesse visto em si mesmo” (COMPAGNON, 2001, p. 114). O leitor implícito percebe que há uma relação entre texto e mundo.

Para compreender melhor essa relação, o estudo da literatura é visto como auxiliar, não anula o eu leitor, mas faz render a leitura. A teoria não pode vir em primeiro lugar, mas é necessária, pois nos tira do senso comum, ao ler um texto deve-se sempre olhar as questões postas e discutí-las. No texto de Compagnon (2001) ele nos mostra os dois lados da questão, contra os aspectos citados para nos levar a uma criticidade, pois o estudo da teoria nos leva a duvidar sobre a verdade absoluta. Deve haver vigilância crítica, alerta. A teoria deve contestar seu próprio discurso, levando o leitor a olhar os dois lados, tendo um novo posicionamento sobre os textos lidos. Tendo em vista a importância da literatura como forma de libertar o homem, podemos observar esse movimento libertador, no qual o homem se lança em busca de conhecer a si e libertar-se da opressão, na leitura da obra **Todos os Nomes** (1997) de José Saramago. Nesta, o autor prioriza as questões humanas fazendo uma crítica irônica à burocratização e ao anonimato do trabalhador. Tal romance é uma obra na qual podemos observar nas ações do personagem Sr. José, a busca que permite ao indivíduo identificar-se como parte da sociedade, criando sua própria história. Para isso ele precisa sair do centro e percorrer um caminho desconhecido para alcançar essa individualidade. O texto de José Saramago trata da ambiguidade entre o fictício e as questões do real. De acordo com a tese, **O homem da pós-modernidade: a literatura em reunião** (2008), “ao optarmos pelo texto de José Saramago, o fazemos por acreditar que sua escrita ficcional nos remete às interpelações bastante intensificadas na atualidade, resumidas em uma só: Quem sou eu?” (MACHADO, 2008, p. 11).

Entendemos que ao se lançar nessa busca, o homem no intuito de se conhecer, passa por uma busca incessante do eu interior. Como é o caso do personagem Sr. José em **Todos os Nomes** (1997) que busca incessantemente uma mulher desconhecida, como se ao descobrir quem era aquela mulher, ele descobrisse a si próprio. Nesse gesto percebe que se a busca for fácil demais, pode perder o prazer da atividade, pois:

afinal de contas, poderá ser que esteja a ser conduzido por outro caminho, noutra direção, e não para a esquina mais próxima, (...) mas sabendo nós, enfim, que o que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca e que é preciso andar muito para alcançar o que está perto (SARAMAGO, 1997, p.69).

Nisto vemos, que somos desconhecidos de nós mesmos, aquilo que nos parece ser tão familiar na verdade não o conhecemos. Por isso, Sr. José que já havia deixado de lado “o medo das alturas, os papéis enegrecidos, as teias de aranha, as estantes monótonas dos vivos, o caos dos mortos, o bafio, a poeira, o desânimo,” (SARAMAGO, 1997 p.70), tudo para se aventurar nessa busca, como poderia ele desistir de tudo tão facilmente? E continuou sua busca, Sr. José não tinha pressa em encontrar a mulher desconhecida, para ele quanto mais tempo demorasse, mais poderia viver a emoção da busca. Conforme Compagnon, “a literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura” (2001, p.37) e para o protagonista viver esse novo lhe proporcionava a sensação de libertação. Ele sabia que poderia tornar o processo mais fácil recorrendo talvez a uma lista telefônica, mas para isso teria que entrar na conservatória que, pelo horário estava escura, começa a pensar e indagar-se,

tens medo do escuro, Não tenho medo nenhum, conheço aquela escuridão como a palma das minhas mãos, Diz-me antes que nem a palma das tuas mãos conheces, Se é isso que pensas, deixa-me ficar na minha ignorância (SARAMAGO, 1997, p.71).

O que podemos ressaltar aqui é a contradição que envolve o personagem em sua trajetória de conhecimento, como observamos apenas por precaução, caso fosse necessário, Sr. José decide vencer mais uma vez seus temores e entrar na Conservatória para pegar a lista telefônica, na qual não encontrou o nome da mulher, mas encontrou o de seu pai e do ex-marido. Sr. José tomou nota dos endereços a fim de que, caso necessário, os procuraria para obter informações sobre a mulher desconhecida, pois sabia que aquelas pessoas e os locais por onde havia ido e ainda iria eram,

o princípio de um desenho como o de todas as vidas, feito de linhas quebradas, de cruzamentos, de interseções, mas nunca de bifurcações, porque o espírito não vai a lado nenhum sem as pernas do corpo, e o corpo não seria capaz de mover-se se lhe faltassem as asas do espírito (SARAMAGO, 1997 p. 74).

Enquanto leitores, o que podemos observar é que, para se chegar aonde se quer, é preciso percorrer um longo caminho no decorrer da vida. O ser fictício de Saramago em determinados momentos, chega a cogitar a idéia de desistir de sua procura, julgando-se já avançado em idade, mas enquanto lhe vêm pensamentos, ele se indaga, se ao menos tivesse uma mulher para preencher seu tempo? Nesse instante, percebemos que não pode desistir da

única razão que dá sentido a sua vida, a mulher desconhecida havia sido sua companheira, a qual estava sempre a pensar. O personagem passa a imagem de que todos precisam de um motivo, algo para querer ser melhor. Sr. José encontrou uma mulher desconhecida e passou a procurá-la, descobrindo através dela, a si próprio. Esta forma de conhecimento leva o homem a trilhar novos caminhos e explorar o desconhecido. No artigo “A criação do texto literário” in **Flores da Escrivania**, (1990) de Leyla Perrone-Moisés há uma associação da literatura com o real, em sua obra o texto tem como ingrediente principal a dúvida, e a verdade na obra não é absoluta. Para ela o fundamental da literatura é o imaginário, no qual:

O horizonte da literatura é sempre o real que se pretende representar em sua dolorosa condição de falta ou representar numa proposta alternativa de completude. Mas, por ser linguagem, a literatura nunca pode ser realista (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 106).

Portanto, a criação do texto literário supõe segundo a pesquisadora, (1990, p. 100) “o tirar do nada, e o tornar existente aquilo que não existe”. Sr José, na obra **Todos os Nomes**, enquanto retorna à sua casa após resolver assuntos pessoais para poder dar continuidade a sua busca pela mulher desconhecida, tem uns pensamentos fantasiosos. O personagem se pergunta: e se durante o tempo que estivesse fora, da conservatória as pessoas a quem tinha feito perguntas sobre o paradeiro da mulher desconhecida, fosse a Conservatória na intenção de levar a ele alguma informação, mas percebe que isso é impossível acontecer, então tem outra preocupação: e se sua casa fosse derrubada assim como fora os demais, para ampliar a enorme Conservatória? O que seria de seus verbetes e de seu caderno com anotações de sua busca? O que responderia quando alguém lhe perguntasse o que havia de valor dentro da casa? Ele responderia:

Uns papéis, e elas tornariam a perguntar, Ações, Obrigações, títulos de créditos, é só no que pensa a gente comum e sem horizontes de espírito, os seus pensamentos vão todos para os interesses e ganhos materiais (SARAMAGO, 1997, p.149).

O que observamos é o deslocamento do personagem em seu processo de investigação, ele sai da rotina na qual estamos presos, amarrados, alienados. Com isso, ele sentiu-se aliviado ao ver que todos aqueles pensamentos não haviam passado de fantasias de sua cabeça e fica feliz ao olhar a pequena casa ao lado da tão grande Conservatória, que a cada dia se tornava ainda menor diante de seus olhos, a ponto dele entrar na casa abaixando-se como se não coubesse mais dentro dela. Por essa razão a literatura nasce como observamos, de uma

dupla falta: “uma falta sentida no mundo”, (PERRONE- MOISES, 1990, p. 101), pois o mundo no qual vivemos não nos satisfaz e logo é possível constatar essa falta, porém nem todos buscam preenchê-la. Ao contrário do Sr José, que sai à procura por informações da mulher por vários lugares da cidade, farmácias, papelaria, loja de artigos elétricos, mercearia, todos esses lugares localizados no bairro, próximo à ultima morada dessa mulher desconhecida quando menina. Sem nada conseguir, volta para sua casa frustrado e deitado na cama, relembra sua trajetória e põe-se a olhar para o teto e a falar: “o que poderei eu fazer?” (SARAMAGO, 1997, p.157), ao conversar com o teto, que aqui interpretamos como a consciência do ser fictício, obtém as respostas. Como fruto da reflexão, o “teto” o aconselha a ser mais cauteloso e não apresentar a sua credencial a qualquer pessoa para não correr o risco de ser descoberto e, caso isso viesse a acontecer, ele não gostaria de estar no lugar do Sr José. Diante dessa resposta, Sr José retruca:

Não passas de um teto de estuque, Sim, mas o que estás a ver de mim também é uma pele, aliás, a pele é tudo quanto queremos que os outros vejam de nós, por baixo dela nem nós próprios conseguimos saber quem somos (SARAMAGO, 1997, p.157).

Observamos que o personagem se distancia do senso comum ao perceber que a sociedade impõe máscaras, nas quais os sujeitos se escondem de si mesmos, e enquanto conversa com o “teto” pede conselhos sobre o que deveria fazer, já que todas as portas passaram a ficar fechadas, tem como resposta, “que os dias se sucedem e não se repetem, (...) Não sabes nada da vida se crês que há mais alguma coisa para saber” (SARAMAGO, 1997, p.158). Isto é, não podemos ficar parados, afinal de contas o tempo não para e o fim se aproxima, e tudo não passa de pele ou superfície em que estamos presos. Pois, de acordo com a crítica citada antes, o que torna nosso mundo mais satisfatório é a complexidade de dados e informações adquiridas ao longo da vida. A questão é, o que fazer com essas informações, como usá-las a fim de ter uma visão mais ampla do mundo em que vivemos? No entanto, medo de reagir às insatisfações da vida leva o indivíduo a viver uma vida de submissão. Mas como podemos distinguir no personagem Sr. José, ele não se conformava com essa situação de submissão. Como podemos ler na obra **Todos os Nomes**, durante um período em que ficou acamado por ter pegado uma gripe, enquanto retornava de uma busca por informações da mulher desconhecida, na escola que estudava quando era criança, pensa sem medo que, se não melhorasse até o amanhecer, não poderia e não iria trabalhar.

Fosse por efeito da febre ou da fadiga, ou de ambos, este pensamento não o inquietou, não lhe pareceu estranha a irregular idéia de faltar ao serviço. Neste momento o Sr. José não parecia ser o Sr. José, ou eram dois os Srs Josés que se encontravam deitados na cama, com o cobertor puxado até ao nariz, um Sr. José que perdera o sentido das responsabilidades, outro Sr. José para quem isso se tornara totalmente indiferente (SARAMAGO, 1997, p.119).

O fato é que ele já não era mais a mesma pessoa, determinamos aqui uma perda da identidade, enquanto dormia, sonhos o assustavam, sonhava limpando os rastros deixados em todos os locais por onde passou na escola, mas mesmo que limpasse as marcas visíveis, ficavam as invisíveis, assim como todos que passam pela escola deixam lá sua história registrada em cada canto, Sr José tinha deixado uma parte de si lá também. Disto podemos deduzir que, conforme PERRONE-MOISÉS (1990 p.104) escreve, a literatura aponta “ao que falta no mundo e em nós”, nos falta a coragem de nos libertar e adquirir vida própria. Na literatura, ao criar uma história sempre se acrescenta nela algo que falta no real, ou seja, as falhas existentes. O texto literário faz com que o homem perceba que é capaz de ser livre. Sr. José com a finalidade de saber se a mulher desconhecida, a qual tanto procurava, estava morta, entra no corredor onde ficavam os arquivos com as fichas dos mortos. Ali a escuridão era imensa, e com uma lanterna que não era das melhores e tendo amarrado em seu tornozelo um cordel, avança escuridão adentro a fim de encontrar o verbete de falecimento. Mas quando não se conhece a escuridão, causa medo, por isso num momento, no fim do corredor, Sr. José deixou de ser um auxiliar de escrita de cinquenta anos de idade, ele sentia-se como um menino, o pequeno José. Ao chegar no fim do corredor escuro, depara-se com alguns verbetes caídos no chão e sem poder enxergá-los, apanha-os. Aquele canto escuro trouxe à tona os temores ocultos do Sr. José, medos esse que todo homem tem escondido no passado, porém Sr José vai aos poucos recobrando os sentidos e,

percebe dentro de si uma voz que dizia, homem, até agora, tirando o medo, não te sucedeu nada de mal, estás aí sentado, intacto, é certo que a lanterna se te apagou, mas tu para que precisas duma lanterna, tens o cordel atado ao tornozelo (SARAMAGO, 1997, p.176).

O personagem tinha um motivo para sua busca o que iluminava sua vida não havia o que temer, pois mesmo que não houvesse esperança sempre haveria um motivo para prosseguir. Sr. José tinha como guia as informações sobre a mulher desconhecida ele sabia o que buscava embora não soubesse ao certo o que iria encontrar, diante disso, aos poucos ele

percebe que os sonhos que o amedrontavam na infância e querem agora assombrá-lo, “era sinal de que estavas a crescer” (SARAMAGO, 1997, p.177), e mesmo tendo muito medo, não se deixou vencer. A literatura tem essa função de levar o homem a perceber que pode libertar-se de seus medos e fantasmas. Conforme PERRONE-MOISÉS (1990, p.108), ela tem a função de “representar o que poderia ter acontecido, é seguir o que poderá acontecer e revelar possibilidades irrealizadas do real”, em outros termos, ela mantém viva a esperança não de algo impossível, mas do possível. Ela é a construção tornando-se um convite a seu ultrapassamento, isto é, a criar uma ligação do real com o imaginário, pois através do imaginário é possível notar as verdades existentes no real. A literatura possibilita uma fuga da insatisfação da vida: “tanto a fuga como o mergulho obriga-nos a ver esse real, a questioná-lo e a reinventá-lo” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.109). Em **Todos os Nomes**, Sr. José assume inteiramente os riscos, a fim de descobrir as verdades sobre si e tomar posse do direito à liberdade.

Antonio Candido no artigo, “O Direito à Literatura” in: **Vários Escritos** (1995), escreve sobre os direitos humanos e a literatura. Sabemos, pois, que a literatura nos leva a refletir sobre os direitos humanos e dá ao homem possibilidade de lutar por esses direitos, inclusive da liberdade. Para ele, isto se manifesta na “busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história” (p. 236). Como exemplo, podemos citar o personagem Sr. José, que já cansado de viver no anonimato vai à busca da tão sonhada liberdade. Candido ensina que, quando o homem acredita nos direitos humanos, ele procura meios para transformar o que seria um anseio de liberdade em realidade. Em **Todos os Nomes**, o protagonista procura por esses meios, a fim de tornar realidade seu desejo de liberdade. Após ter contraído uma forte gripe devido a uma intensa chuva que tomou enquanto retornava de uma de suas buscas pela mulher desconhecida, Sr. José fica um determinado tempo em repouso. Ao retornar ao trabalho, depois de recuperado da gripe e retomar sua rotina, a de copiar cuidadosamente os dados das pessoas famosas nos verbetes, seja ele dos vivos seja dos mortos, estava decidido a desistir de encontrar a mulher desconhecida, mas é surpreendido por um verbete cujo nome era idêntico ao da desconhecida, com apenas uma diferença no último apelido. Essa coincidência mexeu com as emoções do Sr. José, colocando-o novamente em contato com aquela que durante vários dias havia sido a razão de sua vida. Esse acontecimento fez despertar novamente em Sr. José o desejo da busca. De acordo com Candido (1995), é possível ter essa liberdade, no entanto, poucos são os que se empenham em buscá-la. Na sociedade atual, não se justifica viver de forma alienada.

Candido (1995, p.237) mostra que, “hoje não se afirma com a mesma tranquilidade (...) que haver pobres é vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem é vadio”. Nisto observamos que o indivíduo desprovido de recursos financeiros tende a viver uma vida de subordinação. Tal pensamento é possível notarmos na obra de José Saramago (1997) com a quebra da alienação. O homem vive de regras como o protagonista Sr. José que, durante muito tempo ficou no anonimato, até o momento em que percebeu que podia fazer algo diferente, ele não precisava ser mais um no meio de tantos.

Como sabemos na obra **Todos os Nomes**, a Conservatória é descrita em seus mínimos detalhes, apesar de ser um lugar grande e de muita importância, o prédio era antigo com rachaduras na parede. O que nos remete à degradação da sociedade, que a cada dia aumenta, tornando-se mais alienada, o desgaste é muito grande, cada um querendo mostrar seu serviço sem ao menos parar para pensar em si próprio, em seus valores. Observamos também a desigualdade sendo retratada, enquanto uns trabalham sem parar, outros praticamente só estão na Conservatória para preencher um cargo, assim,

a distribuição das tarefas pelo conjunto dos funcionários satisfaz uma regra simples, a de que os elementos de cada categoria tem o dever de executar todo o trabalho possível (...) isto significa que os auxiliares de escrita são obrigados a trabalhar sem parar de manhã a noite, enquanto os oficiais fazem de vez enquanto, os subchefes só muito de longe, o conservador quase nunca (SARAMAGO, 1997, p.12).

Nessa agitação dos funcionários que trabalham sem parar, notamos uma contínua repetição de afazeres em relação aos menos favorecidos. Um verdadeiro retrato da sociedade na qual os mais fortes são os que mandam e oprimem. Assim como estão divididos os funcionários por seus cargos e funções, as instalações dos fichários e arquivos dos mortos e dos vivos, também estão divididas obedecendo à lei social, cada qual em seu devido lugar. Sr. José teve um despertar de consciência. Segundo Candido, (1995, p.239) “tudo isso poderia ser encarado como a manifestação infusa da consciência cada vez mais generalizada de que a desigualdade é insuportável”. Sr. José teve consciência disso, pois seu local de trabalho mostrava muito bem tal condição. Os auxiliares de escrita trabalhavam sem parar, enquanto os chefes e subchefes, não faziam nada ou quase nada. Por isso cansado dessa rotina e de se submeter a regras e ordens de seus superiores é que ele se lança a conhecer a si. Ele ansiava a liberdade, mas não a queria somente para si. De acordo com o que observamos no artigo “O Direito à Literatura, de Candido, o homem tem o direito a uma vida

de dignidade, porém, “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também para o próximo”. Sr. José almejava descobrir a mulher desconhecida, mas sentiu a necessidade de dividir suas experiências e descobertas com alguém, por isso, vai até a Sr^a. do rés-do-chão, compartilhar com ela sua descoberta. E como discute Candido, a literatura tem como função proporcionar ao indivíduo uma reflexão sobre sua condição de cidadão, mostrando a ele caminhos que o levarão a libertar-se e a conhecer a si, ela “inclui o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos”(CANDIDO, 1995, p.240). Nisto percebemos que todos tem direito à liberdade. Como observamos na obra de Saramago, o conservador influenciado pela busca do personagem, decide mudar as regras de organização entre os arquivos dos mortos e dos vivos, para que todos ficassem no mesmo local, sendo acrescentados nos verbetes das pessoas, os processos necessários. Isto para que todos ficassem juntos, pois os vivos precisam dos mortos para dar sequência à vida, e os mortos precisam dos vivos para continuarem a serem lembrados, pois todos tem direitos como ensina Candido (1997, p. 241), “à crença, à opinião, ao lazer e, por que não dizer à arte e à literatura”. Em **Todos os Nomes**, notamos esses direitos sendo adquiridos através do personagem Sr. José. Ele acreditava e por isso buscou a origem de uma mulher desconhecida, dando a si o direito a um pouco de aventura, contemplando os vários lugares que passou, descobrindo em si um novo eu. Esta descoberta se dá, porque o homem se permite entregar-se às fantasias, assim como explica Candido (1995, p. 242), pois “todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte quatro horas do dia sem alguns pensamentos de entrega ao universo fabuloso”. Nisto entendemos que a literatura tem como uma de suas funções, possibilitar ao indivíduo ter contato com esse universo fabuloso, no qual se vê livre, não precisando ter medo de nada. Ele é fator essencial na humanização do homem, levando-o a ser crítico, consciente de seus direitos. A literatura humaniza porque dá sentido à vida, segundo Candido (1995, p. 243), ela “tem o papel formador da personalidade”, faz com que o homem após tornar-se crítico, questione as convenções da própria realidade. Há três fases,

a da construção autônoma como estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo do indivíduo e é forma de conhecimento (...) difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 244).

Essa humanização produzida através da literatura possibilita ao indivíduo, ser mais compreensivo, ajuda-o a tornar-se mais próximo de seu semelhante e permite também, um melhor “afinamento das emoções e capacidade de penetrar nos problemas da vida”

CANDIDO, 1995, p.249). Neste sentido, conhecer a vida, os passos do personagem Sr. José é uma chance do leitor arriscar algo mais na compreensão de si mesmo, ele assume uma posição em face dos problemas da sociedade que não tem consciência de seus direitos. Candido (1995) escreve sobre as convenções e o desejo que tem um escritor ao escrever uma obra literária.

Por meio da literatura pode-se exprimir a visão da realidade, como notamos em **Todos os Nomes**, no qual o personagem em uma constante procura de identidade, mostra uma quebra com a realidade alienada. A literatura tem como objetivo combater essa alienação que impede o indivíduo de conhecer e tomar posse de seus direitos. O ser fictício em **Todos os Nomes** contribui para libertar o homem da escravidão, assumindo uma posição de luta contra o anonimato, conquistando com isso o direito de se libertar das convenções sociais. Além de levar o homem a lutar por seus direitos, ela contribui para formação da personalidade do indivíduo, “porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto humaniza” (CANDIDO, 1995, p. 256), com isso o indivíduo passa a conhecer seus limites, além de retirar a máscara que o impede de agir por si mesmo, isto é, ter opinião própria.

CAPITULO II

2 - A BUSCA DO DESCONHECIDO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DO INDIVÍDUO

Na obra **Todos os nomes** (1997), compreendemos a formação da individualidade através do personagem Sr. José que, parte em uma busca do que o levará a sair da rotina diária a qual era submetido. Sr. José era um homem cercado por regras e pela burocracia trabalhista. Ele não fazia parte da elite, sua vida se resumia na Conservatória Geral, onde se mantinham todos os registros, tanto dos vivos quanto dos mortos. Este personagem era um homem de cinquenta anos de idade e por muito tempo trabalhava na Conservatória. Morava nos fundos desta, o que facilitava sua entrada despercebida durante a noite nesse ambiente em busca dos registros de pessoas famosas, com o objetivo de colecioná-los. Mas isso não era suficiente para a satisfação do Sr. José, ele queria mais, não apenas os nomes, ele queria saber sobre suas origens. Nessa busca por satisfações e procurando preencher as horas vagas de descanso é que ele encontra um novo sentido para sua vida. Sr. José se depara por acaso com um verbete que continha o registro de uma mulher desconhecida, e daí em diante, resolve quebrar as regras e sair em busca de um novo olhar, rompendo com o senso comum. Como quando Sr. José deixa de colecionar nomes de mortos e busca saber dos vivos, deixa de lado sua coleção de notícias acerca de pessoas do país que, tanto por boas como por más razões, haviam se tornado famosas. Como em qualquer caso de colecionadores, ao findar o trabalho tudo volta ao princípio e se vê novamente na fadiga, preso pelo tédio. Como um sinal, Sr. José tem de repente uma idéia que algo de muito importante lhe faltara em sua coleção de nomes de pessoas famosas, então percebeu que não tinha as informações mais importantes: a certidão de nascimento deles. Foi a partir daí que tudo mudou. Foi quando sem querer, encontrou o registro de uma mulher desconhecida, que lhe surgiu o interesse de descobrir quem era a misteriosa. A nova situação causou em Sr. José um sentimento de confiança, que ele nunca havia experimentado em toda a vida.

Isso possibilita fazermos uma discussão sobre o individualismo no romance, muito próximo do que acontece em nosso tempo. Essa quebra com o senso comum propicia visualizarmos o personagem enquanto integrado ao Pós-modernismo, e o que se vê através do Sr. José, de acordo com Stuart Hall, **A identidade cultural na pós-modernidade** (2004) é “uma transformação que liberta o indivíduo das tradições divinamente estabelecidas”

(2004, p. 25) e obter a liberdade, sair em busca do desconhecido de si mesmo. Encontramos na obra **Todos os nomes** (1997), todos os funcionários sujeitos às regras de cada setor. Havia setores para cargos diferentes e todos os dias os funcionários faziam o mesmo trabalho obedecendo as ordens do chefe. Isto, segundo Gilles Lipovetsky, **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo “narciso ou a estratégia do vazio”(2005) “o eu se torna um espelho vazio a força de informação e análises, uma estrutura aberta e indeterminada” (2005, p.37) e com a finalidade de sair desse vazio, Sr. José se lança nessa busca. Entendemos isto como o narcisismo enquanto uma resposta ao desafio que, de acordo com Lipovetsky, intima o indivíduo a se reconhecer e precipitar-se num trabalho interminável de libertação, observação e interpretação. Sr. José se precipita ao “vazio”, porque precisava descobrir a si mesmo e libertar-se da escuridão em que vivia, e o que mais o fascinava eram os mistérios, os segredos e perigos que o envolviam. Isso porque passou a conhecer os seus limites, saber até onde poderia ir e enfrentar os medos, que não eram poucos. Ele não compreendia porque as pessoas tinham que permanecer numa mesma ordem social.

Como destacamos na obra **Todos os Nomes** (1997), na intenção de encontrar a mulher desconhecida, o personagem seguia todas as pistas que encontrava, a ponto de perder até o interesse pelo trabalho. De acordo com Hall (2004), é que o eu tornou-se o alvo de todos os investimentos, e é o que vemos acontecer com o personagem durante sua trajetória: sai do espaço de trabalho e se lança na escuridão do desconhecido na escola, nos espaços da cidade e até no cemitério, enfrenta muitos obstáculos para atingir seu objetivo nessa busca interminável de si mesmo. Para entendermos melhor essa busca, trataremos mais a respeito destes espaços, no próximo capítulo. É interessante observar que quando Sr. José não consegue encontrar pistas sobre onde estaria a mulher desconhecida, começa a sentir-se desanimado e enfraquecido daquele desejo pela descoberta do desconhecido, mas ao observar os colegas de trabalho na Conservatória Geral, todos num mesmo ritmo, não se conforma. Eles estavam, como ensina Lipovetsky, “num pluralismo na desagregação dos impulsos, e a falta de sistema entre eles conduz a uma vontade fraca, e o fim da vontade coincide com a era da indiferença pura” (2005, p.38). O que reparamos é que na Conservatória todos eram diferentes, mas iguais ao mesmo tempo, não tinham uma finalidade em suas vidas, não sabiam usar as informações que possuíam a fim de buscar o novo, estavam acostumados com a rotina diária. Na trajetória do Sr. José, podemos compreender que há uma contradição em relação a **Todos as Nomes** (1997). A obra valoriza os nomes, mas ao mesmo tempo esse valor é combatido pelo Sr. José que não tem sobrenome, criando com isso um paradoxo,

levando-nos a refletir sobre a condição do homem na sociedade, que passa despercebida diante dos olhos de muitos. Essa questão é um objeto de indagação no romance, no qual o indivíduo sai a procurar o desconhecido a fim de encontrar-se. Quando num dia, ao voltar para casa depois de uma busca na casa da Sr^a do rés-do-chão, ele a viu pequenina, quase uma ruína diante da imensa Conservatória. Nisso percebemos o motivo que levou o personagem a lançar-se nessa busca, não aceita continuar como um desconhecido em meio à escuridão. A busca pelo ignorado em **Todos os Nomes** é algo que podemos observar em nossos dias. As pessoas estão a todo momento procurando satisfazer-se com alguma coisa. No artigo, “A literatura e “O direito à morte” do livro **A Parte do Fogo** (1997) de Maurice Blanchot, compreendemos que ele trata das questões do horizonte, vazio, nada. Que o nada provoca o vazio que leva o homem a questionamentos.

Fazer com que a literatura se torne a revelação desse dentro vazio, que inteira se abre à sua parte de nada, que se realize sua própria irreabilidade eis uma das tarefas desenvolvidas pelo surrealismo, de tal maneira que é exato reconhecer nele um poderoso movimento negativo; mas também é correto atribuir-lhe a maior ambição criadora, pois assim que a literatura coincide por um instante com nada imediatamente ela é tudo, o tudo começa a existir (BLANCHOT, 1997.p.292).

O direito à morte se refere ao direito de sair do senso comum, que possibilita ao homem adquirir liberdade de ser cidadão. O vazio leva o homem à beira do desespero, e o deixa às vezes sem rumo, sem direção, e por não saber o que fazer, muitos preferem se esconder, ou seja, se submeter a viver em uma vida rotineira na qual não precisam se preocupar com nada, sendo mais cômodo ficar onde estão. É difícil para muitas pessoas tomar a decisão de sair de seu lugar de conforto e lançar-se no desconhecido, mas para aqueles que tomam a decisão de sair desse lugar e ir à busca de algo novo, que traga sentido a sua vida, vive momentos de plenitude jamais imagináveis.

Durante a busca pela mulher desconhecida, Sr. José viveu momentos que mudaram definitivamente sua vida e que lhe permitiram olhar o mundo de uma maneira diferente. Para Hall (2004, p. 24), “uma vez que o sujeito moderno emergiu num momento particular e tem sua história segue-se que ele também pode mudar”. Como vimos em **Todos os Nomes**, de fato, quando o homem se permite viver algo novo ele passa a conhecer-se e descobre que é capaz de realizar o que quiser, Sr. José passou por essa transformação, ele saiu de um lugar comum tomando uma decisão individual, libertando-se das tradições. Numa passagem especial de **Todos os Nomes** encontramos que, “para anunciar o começo de algo, fala-se do

dia primeiro, quando a primeira noite é que deveria contar, ela é que é a condição do dia, a noite seria eterna se não houvesse dia ” (SARAMAGO, 1997, p. 28), Sr. José se permitiu viver o novo e teve início em sua vida uma nova fase como sair do lugar de conforto e lançar-se no desconhecido, é se permitir viver de verdade por si só e não viver a vida que alguém determinou a ele viver, ou seja, sob regras ditadas pelo homem, ele não aceitou mais viver como no texto de Hall (2004, p.32), enquanto uma “figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado colocado como pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal”, como se não tivesse o direito de decidir, fazer escolhas sem ter que dar satisfação de seus atos a ninguém. O medo pode ser um grande obstáculo para quem deseja descobrir-se e fazer sua própria história. O personagem tinha seus medos e isso poderia ter sido para ele um obstáculo, caso ele não tivesse decidido descobrir quem era aquela desconhecida. Ele sabia que se quisesse prosseguir em sua busca era preciso vencer os medos, ou teria que desistir de tudo e continuar vivendo na mesmice de sempre.

O protagonista sabia que a qualquer momento poderia ser descoberto e isso, sem dúvida, implicaria grandes problemas. Tendo em vista que Sr. José era um funcionário exemplar e que cumpria com afinco todas as ordens a ele impostas, caso fosse descoberto, teria grandes transtornos, sem falar na vergonha que ele sentiria por ser descoberto. Mas o protagonista preferiu correr todos os riscos necessários para viver um pouco de emoção em sua vida solitária, afinal de contas, valeria à pena correr todos os riscos necessários para poder sentir a sensação de liberdade, de saber que ele podia tomar suas próprias decisões sem ter que dar satisfação a ninguém.

Quando o homem sente medo daquilo que não conhece vem-lhe uma sensação de insegurança e ao mesmo tempo desejo de conhecer algo novo, viver novas experiências e deixar para trás uma vida vazia de emoções. Mesmo que sejam passageiras, só o fato de tê-las já é satisfatório. Para viver essas sensações, Sr. José precisa entrar durante a noite na Conservatória, para isso ele usa uma lanterna “como se levar consigo uma luz lhe tivesse feito nascer no espírito uma nova coragem” (SARAMAGO, 1997, p.26). Na perspectiva do Sr. José, a lanterna foi o objeto que o ajudou vencer o medo para que pudesse viver essas emoções, a luz que o encorajou a vencer seus temores e medos dando-lhe a oportunidade de vivenciar uma nova experiência em sua vida. Para que o indivíduo consiga vencer seus medos, ele precisa de uma luz, algo que o encoraje a entrar na escuridão do desconhecido, algo que provavelmente o faça sentir-se realizado, sem preocupar-se em deixar de lado seus princípios e lançar-se em um mundo de novas experiências, tendo então a oportunidade de vivenciar o nascer de um novo eu dentro de si. Ao partir em busca do desconhecido, Sr. José

teve a chance de conhecer os limites e a capacidade de ser um novo indivíduo em uma sociedade na qual as regras são impostas de maneira a não permitir-lhe que tenha liberdade, sem correr o risco de ser criticado, ou até mesmo desmoralizado por isso.

No propósito de alcançar essa liberdade, o personagem teve que arriscar-se subindo escadas, algo que lhe trazia na alma um grande pavor, ele preocupava-se “em como seria quando tivesse que subir as regiões superiores da estante, lá onde o céu negro começava” (SARAMAGO, 1997, p. 26), o que equivale dizer, para alcançar a existência de um ser livre é necessário ultrapassar limites e nem sempre são fáceis de superar. Sabemos que na vida encontramos muitos obstáculos, mas quando queremos algo novo, não há nada que nos impeça de alcançar o que almejamos. No afã de viver uma experiência vale a pena enfrentar todos os riscos possíveis, para isso muitas vezes é necessário ter algo em que nos apegarmos sob pena de não nos perdermos de nosso propósito no meio do caminho. Com o objetivo de podermos compreender essa busca é imprescindível ter um olhar diferenciado sobre o mundo.

Observamos na obra **O Olhar** (1988) o artigo: “Janela da alma, Espelho do mundo” de Marilena Chauí, a questão de como o indivíduo vê o mundo à sua volta, sendo que, o olhar de cada pessoa vai definir o mundo de maneira diferente. A forma que o indivíduo vê o mundo faz com que ele aceite ou não as situações cotidianas. Segundo Chauí (1988, p. 31) “aceitamos discordâncias dizendo que cada qual tem direito ao seu ponto de vista, ou a sua perspectiva”, ou seja, cada indivíduo vê aquilo que lhe convém. Ainda conforme Chauí, o futuro ou passado não se destina apenas a visão, pois “é possível ver o invisível, que o invisível está povoando de invisíveis a ver, e que, o vidente é aquele que enxerga no visível, sinais invisíveis aos nossos olhos” (p 32). Isto é, quando o indivíduo tem uma perspectiva de vida, um objetivo, ele vê o mundo não apenas com olhos físicos, mas consegue visualizar para além. Como Sr. José, na obra de Saramago, tinha um objetivo, isso lhe deu a possibilidade de visualizar a concretização de sua busca. Sr. José acreditava nisso, tanto que saiu à procura de evidências que comprovassem a existência da mulher desconhecida; foi preciso sair da mesmice, ter opinião própria, olhar o mundo ao redor com um olhar crítico, tendo sempre em mente que é possível mudar de idéia sobre aquilo que via, ou acreditava ver.

Assim como Sr. José, não devemos fechar os olhos e aceitar tudo o que está posto como sujeitos alienados, pois ensina Chauí (1988, p. 32) “diante de algo horrendo fechamos os olhos para torná-lo inexistente, atribuindo ao olhar um poder de irrealização que ressurgem quando dizemos que o que os olhos não vêem o coração não sente”, no entanto, Sr. José não

ficou de olhos fechados e por isso se viu refletido em seus colegas de trabalho, tendo em vista que como afirma Chauí (1988,p.33) “o olhar alheio é fonte de alienação”, isto é, o indivíduo que não tem opinião própria mas vê o mundo sobre o olhar dos outros, deixa de lado sua condição de sujeito crítico. Devemos sair dessa condição de sujeito alienado e buscar trazer o mundo para dentro de nós, tendo em vista que, o olhar é a janela pela qual podemos ver a grandiosidade do mundo, tendo com isso a possibilidade de libertação a fim do auto conhecimento. Pois de acordo com Chauí, (1988, p.39) “é cego quem não pode pensar saber, conhecer é clarear a vista, como se o saber permitisse, enfim, olhar”, olhar o mundo e se ver nele como parte integrante assim como Sr. José passou a construir sua própria história por cada novo caminho que percorria em busca da mulher desconhecida.

Ele não queria mais ser igual, não fazia mais sentido para si colecionar nomes de famosos, pois no final das contas são todos iguais, e se por um acaso ele continuasse, provavelmente sua coleção chegaria a ser do tamanho da Conservatória, pois só se interessava com notas de nascimento, casamento, divórcio e falecimento. Se somos ou não felizes, para a Conservatória isso é indiferente, “a felicidade e a infelicidade são como as pessoas famosas, tanto vêm como vão, o pior que tem a Conservatória Geral é não querer saber quem somos, para ela não passamos de um papel” (SARAMAGO, 1997, p.197), a fim de não continuar apenas mais um nome no mundo é preciso ter atitude, por isso Sr. José continua sua busca, para saber quem foi a mulher desconhecida, não precisava parar, afinal de contas a vida continua. No entanto, numa manhã na Conservatória trabalhava o chefe que chega logo após iniciar o expediente com uma expressão diferente e antes que começasse a chegar clientes pede que fechem as portas, pois precisava fazer um comunicado que devido a vários acontecimentos ele havia decidido, mesmo contrariando a tradição e costumes da Conservatória onde todos os serviços eram feitos manualmente sem o auxílio de nenhum tipo de equipamento tecnológico, algo precisava mudar. Devido ao grande número de arquivos de mortos e vivos a encher as prateleiras da Conservatória, havia necessidade de mudanças, a fim de resolver esses problemas de super lotação. Segundo o conservador, não havia mais a premência de separar os arquivos dos mortos dos arquivos dos vivos uma vez que,

Em primeiro lugar, é uma absurdidade do ponto de vista arquivístico, considerando que a maneira mais fácil de encontrar os mortos seria poder procurá-los onde se encontrassem os vivos, (...) é também uma absurdidade do ponto de vista memorístico, porque se os mortos não estiverem no meio dos vivos acabarão mais tarde ou mais cedo por ser esquecidos, (...) (SARAMAGO, 1997, p.208).

Podemos entender com isso, que na busca de identidade se faz necessário perdê-la, a fim de descobri-la. Por essa razão a ordem do chefe foi, que a partir daquele dia não se fazia mais necessário mover as fichas dos arquivos dos vivos para levá-los aos arquivos dos mortos, mas todos os processos deveriam ser colocados sempre no mesmo lugar, ou seja, nos arquivos dos vivos. Aos poucos as fichas dos mortos seriam reintegradas aos arquivos dos vivos, não importava o tempo, todos iriam acabar no mesmo lugar: no arquivo dos vivos. Porque ao perder a identidade imposta o ser se descobre, e percebe as possibilidades de tomar as próprias decisões, deixando com isso de ser um desconhecido de si mesmo.

CAPITULO III

3 - CAMINHOS QUE LIBERTAM

No estudo crítico da obra **Todos os Nomes** de José Saramago (1997), o ser fictício Sr. José, durante sua trajetória sai do espaço de trabalho e se lança na escuridão do desconhecido na escola, nos espaços da cidade e até no cemitério. Durante essa busca, ele enfrentou muitos obstáculos com a finalidade de atingir seu objetivo nessa busca interminável de si mesmo. O que podemos destacar é que essa busca trata-se das fases que o indivíduo passa durante a vida. Destas, a escola representa o início da vida, os espaços na cidade sua maturidade e, o cemitério, o final da vida. Encontramos na obra **A poética do Espaço** (1993) de Gaston Bachelard que “o aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: que tudo desenha mesmo o infinito” (p.216). Sabemos que através da busca pela mulher desconhecida, Sr. José teve a oportunidade de encontrar a si próprio. Ensina Bachelard (1993, p. 218): “e, se o que queremos determinar é o ser do homem, nunca estamos certos de estar perto de nós ao recolhermo-nos em nós mesmos, ao caminho para o centro da espiral.” O que entendemos é que, para que o indivíduo possa se conhecer, ele precisa sair fora de si para ter consciência de liberdade e não ficar preso em seu interior sendo lentamente aniquilado.

Como afirmamos na obra **Todos os Nomes**, a Conservatória é descrita em seus mínimos detalhes, apesar de ser um lugar grande e de muita importância, o prédio era antigo com rachaduras na parede. Destacamos a organização dos arquivos dos mortos “encontram-se mais ou menos arrumados na parte traseira do edifício”, (SARAMAGO, 1997, p.13) enquanto as acomodações dos arquivos dos vivos, leva em conta que “está sempre a nascer gente, são muito menos presentes, e tem sido resolvido, até agora de modo razoavelmente satisfatório”. (SARAMAGO, 1997 p.13), por mais que se tente, não é possível manter uma ordem nos arquivos, tanto dos mortos, quanto dos vivos. Todos os dias são retirados um arquivo dos vivos para colocá-lo na prateleira dos mortos, para tal é necessário abrir espaço na estante dos mortos, a fim de retirar o arquivo e colocá-lo, mais para o fim da prateleira. O que nos leva a perceber que, “de acordo com a chamada ordem natural das coisas, ter chegado ao topo da estante significa que a sorte já se cansou que já não haverá muito mais caminho para andar o fim da prateleira é em todos os sentidos o principio da queda” (SARAMAGO, 1997, p. 16). Essa queda faz com que o homem tenha a oportunidade de recomeçar se desprendendo de seu velho eu, encontrando para si uma nova identidade que não seja a imposta pela sociedade.

Nisto vemos que tudo tem um fim, porém há aqueles que por alguma razão permanecem por mais tempo do que o previsto na existência humana. Ao que interpretamos que há pessoas que permanecem durante toda a vida vivendo no vazio existencial, sem se dar conta disso, passa por todo o processo natural da vida, chega ao topo sem conhecer a si próprio, vivendo sempre à sombra de alguém. É quando entra em cena Sr. José, representação metafórica de alguém que faz alguma coisa para melhorar o ambiente da Conservatória Geral do Registro Civil. Sr. José era chamado apenas quando necessitavam trocar as capas dos verbetes amarelados e desgastados pelo tempo, trocando-os por outras novas. Sr. José como é conhecido por todos, apesar de ter sobrenome não se sabe qual é, mostrando-nos a insignificância do personagem. Sr. José é o retrato do indivíduo ignorado pela sociedade, trabalhava há anos na Conservatória do Registro Civil, onde logo de entrada na moldura da porta há uma chapa metálica comprida e estreita, revestida de esmalte. Sobre um fundo branco, as letras negras trazem escrito o nome do estabelecimento. A pintura é velha. A porta de entrada é antiga e a pintura castanha está a descascar-se, os veios da madeira, à vista lembram uma pele estriada. Na fachada há cinco janelas.

Ao entrar na Conservatória é possível sentir o cheiro do papel velho; esse é o lugar no qual Sr. José passa seus dias a trabalhar sempre pontual e cumpridor de seus deveres, nunca reclama de nada, era um desconhecido. Ele morava em uma casinha interligada à Conservatória. O fato de ele ter continuado a morar na casinha ao lado, não foi nem castigo nem prêmio, foi simplesmente porque a casinha dele não prejudicaria as novas mudanças, ou seja, não afetaria o ordenamento urbanístico do bairro. Mesmo morando naquela casinha não podia entrar pela porta que as ligavam, isso para que os outros colegas não achassem que ele estava sendo beneficiado. No entanto, para o Sr. José isso era conveniente, pois não havia chances de receber nenhuma visita de colega ou superiores em momentos impróprios, vindo com isso atrapalhá-lo em sua coleção de nome de pessoas famosas. Prática realizada por muitas pessoas, embora de variados tipos de coleção, isto nos mostra o que “podemos chamar de angústia metafísica, talvez por não conseguirem suportar o caos como regedor único do universo” (SARAMAGO, 1997, p.23), o homem se vê obrigado a encontrar um meio de passar seu tempo.

Como no caso do personagem, o ato de colecionar, faz de sua coleção uma forma de dar um pouco de sentido à vida. Uma espécie de iluminação, que tinha apenas o hábito de colecionar nomes de pessoas famosas, percebeu que faltava algo em sua coleção, “isto é, a origem, a raiz, a procedência, por outras palavras, o simples registro de nascimento, cujas notícias de vida pública se dedicava a copiar” (SARAMAGO, 1997 p.25). Sr. José percebeu

num momento que não sabia nada sobre os famosos que fazia parte da sua coleção, quem era ou foram essas pessoas. Foi deste ponto em diante que o ser fictício de Saramago inicia sua trajetória de busca e descoberta de si. É quando pela primeira vez, quebra as regras e entra na Conservatória fora do expediente de trabalho.

Ao abrir pela primeira vez a porta proibida, foi para ele um momento ímpar. Os primeiros passos rumo a um caminho de descobertas, as quais não imaginava. É quando a Conservatória passou a ser para ele, Mundo e Centro do Mundo, o princípio de um novo dia, aquele lugar passou a ser parte de sua vida, de fato. “Graças a ela pode penetrar na intimidade de tantas pessoas famosas, saber, por exemplo, coisas que algumas tudo faziam para ocultar” (SARAMAGO, 1997, p32). Quando Sr. José encontra por acaso o verbete de uma mulher desconhecida ele “sem desejo e sem recusa, se vai desprendendo de algo e ainda não vê aonde poderá deitar a mão para tornar a segurar-se” (SARAMAGO, 1997, p.37). Nesse verbete constavam informações de uma mulher de trinta e seis anos, junto ao nome dos pais, padrinhos, local de nascimento, endereço, data e hora de nascimento.

Sr. José se identificou com essa mulher. A descoberta desse verbete foi para ele como um novo nascimento, o qual permitiu a ele vencer seus medos de sair do conforto de seu quarto para encontrar a rua onde nasceu a mulher desconhecida. Ele pela primeira vez passa a ter consciência da decisão tomada por si, enquanto retornava da rua em que nascera a mulher. Começa a observar as ruas e calçadas e a imaginá-la como era a trinta e seis anos atrás. “O tempo moveu-se, recomeçou a dilatar-se aos poucos, depois mais depressa, parecia que dava sacões violentos, como se estivesse dentro de um ovo e forcejasse por sair” (SARAMAGO, 1997, p.46). Sr. José nesse instante passa por um processo de reconhecimento de si, como se toda sua vida passasse diante de seus olhos, ele vira aquela rua se transformar, “buscando seus lugares antes que a luz do amanhecer viesse mudar novamente os sítios” (SARAMAGO, 1997, p.46). No entanto, ao retornar à Conservatória Sr. José se vê em um dilema.

E, se a busca se findasse antes mesmo de começar? Se a pessoa que ele tanto procurava fosse encontrada com facilidade? De que teria adiantado todo seu esforço? Seria como se estivesse prestes a “embarcar à descoberta da ilha misteriosa, e no último instante, alguém aparece de mapa estendido”, (SARAMAGO, 1997, p.48) e começasse a declarar tudo o que havia na ilha desconhecida colocando fim em sua busca. Com isso ele se veria obrigado a voltar à sua vida rotineira de colecionar verbetes de pessoas famosas, obrigado a retomar os pensamentos de antes.

Para o homem se conhecer é preciso se desprender de si, segundo Bachelard (1993, p.217), “Apenas saído do ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Sabemos que às vezes

hesitamos em sair do centro de nossas vidas, algo que nos prende e nos limita assim como Sr. José que por algum momento temeu quebrar as regras, mas não se deixou dominar pelo medo. Conforme Bachelard (1993, p.218), “o ser deve ser o ser de outra expressão “(...)” por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências”, para isso ele precisa lançar-se nessa busca de seu eu, sua identidade, para não tornar-se como afirma Bachelard (1993, p.220). “uma alma que vai até o decair do ser instável, entre os “dizem que do ser”. Ela existiu?” por um momento, Sr. José chegou a pensar que sua busca teria sido em vão, mas logo retomou os ânimos e recomeçou, sua busca, podendo com isso “entrar de novo em si mesmo para se situar na existência” (BACHELARD, 1993, p. 221). O autor citado aponta, “o medo não vem do exterior nem tampouco é feito de velhas lembranças (...)”. O medo é aqui o próprio ser, Sr. José tinha muitos medos, como podemos observar na obra **Todos os Tomes**:

para alcançar as prateleiras superiores, lá no alto, quase rentes ao teto, o Sr. José tinha de utilizar uma altíssima escada de mão, e, porque sofria, por desgraça sua, desse perturbador desequilíbrio nervoso a que vulgarmente chamamos atração do abismo, não lhe restava outro remédio, para não dar com os ossos no lajedo, que atar-se aos degraus com um forte cinturão (SARAMAGO, 1997, p.20).

Esse medo é resultado das dúvidas e incertezas sobre si, para o sujeito preso às regras sempre haverá alguém para dizer o que deve ou não fazer, reduzindo com isso seu espaço exterior, que possibilita ao homem organizar-se no meio em que vive. Criar para si um espaço íntimo, no qual tem total controle. Ao adquirir esse controle, Sr José pela primeira vez durante todo o tempo de trabalho na Conservatória, pediu autorização para sair mais cedo. Ele que sempre foi cumpridor dos horários, decide se libertar e sair em busca de informações que o levassem até à mulher desconhecida. Ao sair do trabalho, ansioso, vai em direção ao desconhecido, logo ao chegar na casa percebe que aquela que lhe atendera à porta, não poderia ser a que ele procurava, pois era mais jovem, mas consegue informações de uma moradora antiga do prédio.

Para poder colher essas informações referentes à mulher desconhecida, trabalhar na Conservatória lhe foi de grande utilidade, pois ele, além de ter em mãos a credencial que comprova que era um funcionário, usava isso a seu favor. O argumento de que estava prestando serviços para seu trabalho, porque faltava no registro da mulher desconhecida alguns dados. O fato de ele trabalhar como auxiliar de escrita facilitou lhe conseguir documentos que o autorizavam a fazer essa pesquisa. No entanto, esta autorização era falsificada, mas com seus anos de experiência, não seria facilmente descoberto. Essa primeira

conversa com a nova moradora da casa, na qual nasceu a desconhecida foi para Sr José uma experiência maravilhosa como se ele estivesse vivendo uma aventura perigosa, a qual poderia ser descoberta a qualquer momento. Contudo, isso só deu a ele mais ânimo para prosseguir, a sensação da descoberta de uma nova razão para sua vida.

O ser de papel ficava a imaginar como seria seu encontro com a Sr^a do-rés-do-chão, moradora da casa onde nasceu a mulher desconhecida, na intenção de descobrir quem era aquela mulher do verbete. Sr José foi capaz de se despir de seus princípios e medos. Falsificou documentos e se encheu de uma autoridade da qual não era capaz em outra situação. Quando a senhora do rés-do-chão se negou a ajudá-lo ele, “tirou o sobrescrito do bolso, abriu-o e extraiu lá de dentro, com uma lentidão que deveria parecer ameaçadora, a credencial, Leia, ordenou”. (SARAMAGO, 1997, p.60) essa foi sua primeira vitória, se sentiu seguro para ditar regras ao invés de cumpri-las. Se não fosse ele ter usado de autoridade, não teria conseguido as informações de que aquela moradora do rés-do-chão era madrinha de nascimento da mulher desconhecida, o que causou espanto em Sr. José. Para não ser descoberto em sua mentira, de que estava lá por ordem da Conservatória e não por envolvimento pessoal, ele precisava não demonstrar satisfação em receber todas as informações sobre o passado da desconhecida, bem como o endereço da escola aonde ela havia estudado. Além das informações, ele foi orientado pela personagem a procurar notícias sobre a mulher desconhecida na lista telefônica, o que o deixou irritado, como ele não havia pensado nisto antes! Sr José planejava encontrar a mulher e aos poucos ganhar a confiança dela a fim de saber tudo sobre sua vida, para tanto, era necessário continuar a vencer os desafios e os perigos, pois

as obras de arte nascem sempre de quem afrontou o perigo , de quem foi até o extremo de uma experiência , até o ponto que nenhum ser humano pode ultrapassar. Quanto mais longe a levamos, mais nossa mais pessoal, mais única se torna a vida (RILKE, apud , BACHELARD, 1993, p. 223).

Por conseguinte, o que notamos é que para se adquirir esse espaço de intimidade é necessário lançar-se para fora, descobrir outros espaços. A porta que interligava a grande conservatória e a pequena casa do Sr. José, o ponto de partida para ele libertar-se da prisão na qual vivia. A porta é “a própria origem de um devaneio aonde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes” (BACHELARD, 1993, p.225). Ao ultrapassar a porta proibida da Conservatória, Sr.

José ultrapassa os limites do desconhecido sequer imaginado, da tentação e do desejo de ser respeitado, reconhecido, livre.

Nestes termos, arriscamos a afirmar que todo indivíduo precisa construir seu espaço de intimidade, precisa voltar-se para si mesmo, buscando em si esse espaço íntimo de paz e tranquilidade. Sr. José encontrou esse espaço em seu quarto, local só dele, no qual podia sem medo organizar sua coleção de nomes de pessoas famosas. Em Bachelard, lemos: (1993, p.228) “a intimidade do quarto torna-se a nossa intimidade “(...)” o quarto está em nós. Já não vemos. Ele já não nos limita, pois estamos no próprio fundo de seu repouso, no repouso que ele nos conferiu”. É no íntimo de seu quarto que Sr. José sonha, planeja, imagina sua busca. É no quarto que ele visualizava seu medo de ser descoberto e perder sua intimidade. Este espaço teoricamente pode ser visto assim:

desse quarto, mergulhado na noite mais imensa, eu conhecia tudo, havia penetrado nele, trazia-o em mim, fazia-o viver uma vida que não é a vida, mas que é mais forte que ela e que nenhuma força do mundo poderia vencer (BLANCHOT, apud, BACHELARD, 1993 p. 230).

Ao mergulhar na intimidade do silêncio desse quarto à noite, deixa de ser um espaço vazio. O exterior e o interior passam a interagir. O protagonista de Saramago sem querer perder essa liberdade, dá um jeito de continuar sua busca, decide ir a escola, na qual estudou a mulher desconhecida quando criança. Sem pensar muito saiu logo após o jantar rumo à escola. Foi até lá com a finalidade de fazer reconhecimento prévio, e enquanto esperava o final de semana chegar para voltar à escola em busca de informações, continuava seu trabalho, agora sem distração, a ponto de chamar a atenção de seus colegas e do conservador, que quebrando todas as regras, demonstrou interesse em saber como estava Sr. José. Pela primeira vez foi notado, todos o olharam, “os auxiliares de escrita, os oficiais, e mesmo os subchefes, olharam o Sr. José como se o vissem pela primeira vez, as poucas palavras do chefe tinham feito dele uma pessoa diferente” (SARAMAGO, 1997, p. 85), era como se ele tivesse nascido de novo.

Ainda sobre as impressões de intimidade, Bachelard no artigo “Os Cantos” in: **A Poética do Espaço** (1995) explica sobre os espaços de intimidade de cada indivíduo. Sabemos que todos nós temos um lugar no qual nos sentimos bem, protegidos, muitos procuram esse espaço se refugiando em si mesmo como lugar de reflexão. Porém, segundo Bachelard, “esse retraimento inteiramente físico em nós mesmo já traz a marca de um negativismo (...) o canto vivido rejeita a vida, restringe a vida, oculta a vida” (BACHELARD, 1995, p.145). O que podemos concluir com isso é que o universo nos oferece muitas

oportunidades, e não podemos nos esconder em um canto qualquer, negando a nós mesmos o direito de conhecer mais da vida. Podemos até mesmo nos recolher por determinado tempo nesse canto, mas somente para nossa reflexão. Não podemos nos esconder nele, temos que sair a fim de conhecer o que há lá fora, o protagonista de Saramago se lança nessa busca após uma longa espera, finalmente chega o fim de semana e ele parte rumo à escola para dar seqüência a seu plano de investigação. Com muito sacrifício, mas satisfeito pela conquista, Sr. José consegue ingressar dentro da escola durante à noite. Ele pretendia passar lá todo o final de semana. Depois de conseguir entrar com muita dificuldade, um pouco dolorido e machucado por ter caído da janela, Sr. José conhece o interior da escola, cada lugar, todas as salas, a ponto de fazer comparações entre a escola e a Conservatória. Enquanto procurava pela sala na qual deveriam estar as fichas dos alunos antigos, o personagem deparava-se com um enorme corredor que lhe dá calafrios, cercado por duas enormes e altas prateleiras, as quais para se chegar ao final, era necessário usar uma escada. Sr. José se vê novamente como na Conservatória, em ambos os lugares haviam obstáculos a serem vencidos, como em todas as fases da vida. No entanto, se quisesse progredir em sua busca, tinha que continuar a vencer os medos, com espírito assustado se sentiu vencido, era uma batalha. Apesar das dificuldades devido à pouca iluminação e à grande quantidade de verbetes que teria que pesquisar, o protagonista de **Todos os Nomes** começou imediatamente a procurar os verbetes da mulher desconhecida, não tinha tempo a perder, ele tinha urgência em descobrir quem era aquela mulher. Os anos como encarregado de escrita na Conservatória foram muito úteis, ajudaram-no a deduzir onde poderia estar o que procurava. E sem perda de tempo o personagem iniciou sua busca, mas

em poucos minutos as mãos ficaram-lhe negras, o lenço perdeu o pouco que ainda tinha de brancura, o Sr. José tornara-se num mineiro de carvão à espera de encontrar no fundo da mina o carbono puro de um diamante. (SARAMAGO,1997 p.111).

Isso porque para o personagem descobrir quem era aquela mulher desconhecida era como encontrar um a si mesmo e conquistar sua liberdade um verdadeiro tesouro.

Enquanto dava seqüência a sua busca, ser fictício de Saramago sentiu que deveria renovar suas forças com alimento, ao dirigir-se ao refeitório passando pelo banheiro do diretor para lavar as mãos, se assusta ao se ver no espelho, “este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto” (SARAMAGO, 1997, p.112), isso porque ele estava aos poucos, perdendo sua velha identidade, tornando-se outra pessoa. Após alimentar-se, já

com as forças recuperadas o personagem retoma sua busca e com êxito encontra os verbetes escolares da menina desconhecida e trata logo de retornar para sua casa. Devido a chuva que tomou tanto na ida quanto na volta da escola, Sr. José pegou uma forte gripe que o deixou acamado. Este acontecimento propiciou uma mudança na vida do personagem, pois ele jamais esperava receber em seu pequeno quarto a visita de um superior da Conservatória. Afinal de contas isso nunca tinha acontecido antes, o conservador enviar o subchefe para averiguar como estava a saúde de Sr José, era algo que realmente não passava pela cabeça do Sr. José. Ao fazer algo novo, Sr José passou a ser notado e assim como ia se aproximando do paradeiro da mulher, aos poucos ele também ia saindo do anonimato.

Durante o tempo que esteve em repouso o ser fictício de Saramago recolhido em seu canto, fica a refletir sobre sua busca, ele se recolhia em seu quarto para refletir dialogando com o “teto” que, como já comentamos antes, trata-se metaforicamente da consciência do indivíduo, enquanto refletia pensava em meios de continuar sua busca, pois precisava encontrar informações que o levassem a sair em busca da mulher desconhecida, pois como ensina Bachelard (1995, p. 146), “o canto é metade parede metade porta”, e o que podemos perceber com isso é que enquanto o homem está trancado em seu quarto, está fechado dentro de si mesmo, mas ao sair dele, o ser se revela, passa a conhecer seus próprios limites como fez o personagem de **Todos os Nomes** ao sair em busca da mulher desconhecida.

Após o tempo de repouso para sua recuperação, a persona narrativa retorna ao trabalho decidido a desistir de sua busca, enquanto estava em cumprimento de seu dever descobre que a mulher desconhecida poderia estar morta, pois o verbete dela não estava mais no arquivo dos vivos e retoma sua busca a fim de descobrir se de fato estava ou não morta. O que teria acontecido? Teria ela morrido? Isso explicaria a ausência do verbete no fichário dos vivos. No entanto, essa idéia deixou Sr. José desorientado, sem rumo, propôs em seu coração descobrir se realmente ela estava morta, procuraria pelo verbete de falecimento dela. Ao sair de seu canto, seu refúgio, o personagem se descobre, ele se vê em situações as quais não imaginava ser possível. Para que isso aconteça é preciso que o indivíduo saia de seu canto, no qual se debruça como sonhador sobre si mesmo, a fim de viver a realidade e conhecer seus limites. Para viver novas experiências, o ser fictício de **Todos os Nomes** enfrenta muitos obstáculos como, medo de escadas e de escuro. Segundo Bachelard, “subir escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis (1995, p.155). O que podemos observar com isso é que se quisermos encontrar algo que dê sentido a nossa existência, passaremos por momentos de exaltação e de medo, são os altos e baixos da vida.

Para continuar sua busca, o personagem precisava entrar no corredor dos arquivos com as fichas dos mortos, onde havia enormes prateleiras que encostavam no teto. Ali a escuridão era imensa, e o Sr José dispunha de sua lanterna que não era das melhores, a fim de não se perder na escuridão dos corredores, ele amarrou um cordel no tornozelo, mas a escuridão era tão grande que a luz de sua lanterna mal conseguia iluminar aquele lugar. Apesar do medo, continuou a avançar escuridão a dentro com a finalidade de encontrar o verbete de falecimento. Ao chegar ao fim do corredor, Sr José sente-se sem chão e, sem poder enxergar direito, pega os verbetes que encontra caídos naquele canto escuro, e como sabemos, há tempo para tudo, e, se de fato a mulher desconhecida tem seu nome agora nos arquivos dos mortos é porque cedo ou tarde chega a vez de todos os nomes irem para lá. O protagonista ainda temeroso entre pensamentos de assombros ouve uma voz dentro de si que diz: “homem não tenha medo, (...) e ainda lutando contra a escuridão põe-se a sair dela a passos largos” (SARAMAGO, 1997, p.177). Após sair da escuridão dos arquivos dos mortos, Sr. José passa pelos arquivos dos vivos, então chega enfim à secretaria do chefe, e imediatamente põe-se a examinar o verbete que pegou no chão no final do corredor dos arquivos dos mortos.

Bachelard em “A Imensidão Íntima” in **A Poética do Espaço** (1995), ensina a questão do devaneio que possibilita ao sujeito “um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito” (p.189). O sonho nos permite contemplar o impossível e desperta em nós o desejo de tornar real esse devaneio. Através da lembrança, o indivíduo segundo o autor, pode renovar suas forças, porém ao perceber que de fato tratava-se da mulher desconhecida, o protagonista ficou fortemente chocado, tudo estava terminado, havia chegado o fim, o próprio destino, a natureza agiu para que as coisas ficassem em seu devido lugar. Enfim acabara sua busca, a mulher desconhecida já não existia mais, e o que restava dela era apenas o processo e o verbete que comprovavam que ela estava morta, além dos treze verbetes escolares com doze fotos de diferentes momentos daquela que já não mais fazia parte do mundo dos vivos. Como observamos, muitas vezes nos deparamos contemplando as muitas possibilidades de alcançar algo novo que nos preencha, assim como o personagem, mas às vezes somos surpreendidos por acontecimentos que nos fazem querer desistir de tudo, porém não podemos nos conformar em voltarmos ao estado inicial de alienação, não podemos desistir de nossos sonhos.

Bachelard (1995, p. 190), explica que ao sonharmos “não o vemos começar, no entanto ele começa sempre da mesma maneira”. Ao contemplar as possibilidades de encontrar a mulher desconhecida, o personagem Sr. José em **Todos os Nomes** por meio de sua consciência, imagina várias possibilidades de encontrá-la. Porém para tornar possível essa busca foi

necessário vencer vários obstáculos até mesmo o da morte, lançando-se na imensidão do mundo a fim de vencer seus medos. Enquanto tentava se recompor do susto de descobrir que de fato a mulher desconhecida estava morta, Sr. José olha as fotos dela que havia pego na escola e percebe que a pessoa ali retratada já havia morrido há muito mais tempo, pois ficara num passado inexistente. E acreditando ter alguém que se importasse com aquela mulher desconhecida decide contar a Sr^a do rés-do-chão. Ele pega o autocarro a fim de não chegar muito tarde. Enquanto é levado a seu destino, fica a observar a cidade, as luzes que começam a iluminá-la vencendo aos poucos a noite que vem se aproximando, assim como em sua própria vida, a cada passo que dá rumo ao desconhecido é como se uma nova luz ascendesse para iluminar seu caminho.

Como aprendemos em Bachelard (1993), através da imaginação podemos deixar nosso ser mirrado, alienado e superar obstáculos. Contudo, esta capacidade de superar obstáculos está em nós, não precisa ficar apenas no campo da imaginação, pois ela nos deixa imóvel, limitada e é preciso agir, buscar algo novo que nos coloque de verdade em contato com vida. A fim de se sentir vivo, o ente ficcional sente a necessidade de ser notado, por isso ao chegar na casa da senhora do-rés-cão foi logo se apresentando, pois “parece ser esta nossa necessidade de ir pelo mundo a dizer quem somos”(SARAMAGO, 1997, p.187), de compartilhar suas experiências e descobertas com alguém, provar sua existência, e querendo retribuir o favor, conta tudo o que aconteceu com a mulher desconhecida, e quando termina de contar a moradora do rés-do-chão o indaga sobre o que ele haveria de fazer, se voltaria à sua coleção de nomes de pessoas famosas. Porém, ele responde: “não, não creio”, (SARAMAGO, 1997, p.197). Mas é quando já está em sua casa deitado na cama, a recordar toda a conversa com aquela personagem, que lhe veio uma idéia súbita de ir procurar no Cemitério o paradeiro da mulher desconhecida, ele não poderia desistir agora depois de tanto trabalho, não poderia suportar mais voltar ao vazio existencial, no qual se encontrava, logo agora que descobre a imensidão de possibilidades de dar à vida um sentido.

Para compreendermos um pouco mais sobre a imensidão íntima, Bachelard cita como exemplo a imensidão da floresta. Segundo o autor, “não é preciso permanecer muito tempo nos bosques para conhecer a impressão (...) sem limites” (BACHELARD, 1993, p. 191), percebemos que para a imaginação não há limites, somos donos de nossas vontades. No entanto, é preciso termos consciência de que essa liberdade imaginária não dá ao homem a possibilidade de conhecer o que de fato há na imensa floresta, para isso ele tem que sair do espaço imaginário e entrar no espaço real. Por isso o protagonista decide dar sequência à busca pela mulher desconhecida, agora morta, decide ir ao Cemitério com o pretexto de

conseguir informações sobre a data de sepultamento dela para os registros da Conservatória. O Cemitério geral tinha uma fachada semelhante à da Conservatória geral do registro civil, com a diferença de haver dois enormes portões e uma placa também semelhante, porém ao invés de Conservatória, Cemitério Geral. O que nos permite observar que a diferença entre as placas diz respeito à condição do indivíduo, a Conservatória representa o espaço da vida, o labirinto em que todos os nomes se encontram, enquanto o Cemitério é o espaço, que representa o encontro final, no qual o homem chega a fim de poder depositar os restos de sua condição humana. Assim como na Conservatoria o Cemitério devido à super lotação de mortos, teve que ter os muros derrubados, possibilitando a ele crescer por todos os lados em meio à cidade, fazendo com que os mortos e os vivos convivessem juntos. Esta mistura observamos também na Conservatória, entre os arquivos dos vivos e dos mortos que, por ordem do conservador todos os processos passaram a ser guardados no mesmo lugar, tendo em vista que um precisava do outro.

Enquanto ia ao encontro do local em que estava sepultada a mulher desconhecida o ente ficcional teme continuar sua busca com medo de que a noite chegue e ele esteja ainda dentro do Cemitério, porém lembra-se de todas as aventuras, na escola, na própria Conservatória. Se a escuridão dos corredores da escola, que era ainda maior que o da Conservatória, não foi capaz de detê-lo, ele não tinha motivos para desistir agora de encontrar o paradeiro da mulher desconhecida e finalmente a encontrar, ou melhor, o local onde ela estava sepultada. O que podemos notar com essa atitude do personagem, é que quando o homem experimenta a liberdade ele “vive realmente a palavra imenso, o sonhador se vê libertado de suas preocupações, de seus pensamentos de seus sonhos. Já não está enclausurado em seu peso. Já não é prisioneiro de seu próprio ser” (BACHELARD, 1995, p. 200), isso porque não é mais um indivíduo alienado, e como ensina o autor, “os dois espaços, o espaço íntimo e o espaço exterior, vêm constantemente estimular um ao outro em seu crescimento” (1995, p.200). Tal pressuposto teórico nos permite visualizar o protagonista de Saramago quando ao invés de sentir medo passou a sentir-se tranquilo e ao invés de pensar que sua busca havia terminado, ele percebeu que o Cemitério era apenas um local para onde todos os dias há de chegar alguém. A fim de chegar ao local da sepultura, o personagem teve que caminhar pelo Cemitério, consciente de que contra a morte não havia o que fazer, ela vem para todos, cedo ou tarde. Enquanto estava a observar e a concluir que ninguém pode escapar da morte, vê de longe alguns focos de luzes que ficavam na outra margem de um pequeno riacho que corta o Cemitério. Logo adiante, uma ponte que separava o local onde habitam os mortos do local onde habita os vivos. Sr. José passa ali a noite, para ele sua busca chega de

fato ao fim, tudo pelo que passou havia sido em vão. Porém, ao amanhecer, depara-se com um pastor de ovelhas que está a alimentá-las.

Enquanto conversam, Sr. José informa que está ali por causa de uma conhecida e surpreende-se quando o pastor afirma que aquela sepultura, diante dele, a qual identificou como sendo a da mulher desconhecida pelo número que o auxiliar lhe deu, não era da pessoa que ele procurava. Porque sempre que havia um novo morto ele mesmo se encarregava de trocar as placas de identificação, pois se aquele é o local dos suicidas, se alguém se suicida é porque não quer ser encontrado. Não há nada mais respeitoso do que chorar por um desconhecido. Para Bachelard (1993, p. 207), quando o homem se vê solitário, a imensidão dos dois espaços o da intimidade e o do mundo se tocam e se confundem “cada objeto investido de espaço íntimo transforma-se nesse coexistencialismo, em centro de todo espaço”. O que podemos observar em **Todos os Nomes** de José Saramago (1997), é que o Cemitério assim como a Conservatória tornou-se para a persona narrativa um espaço físico íntimo, pois lá durante a noite longe dos olhos de todos eles era dono de si, não tinha que cumprir ordens, e estando só, decide trocar o número que correspondia a mulher desconhecida com o do novo morto. “A troca estava feita, a verdade tinha se tornado mentira” (SARAMAGO, 1997, p.243). Feita a troca, retorna à sua casa e com a finalidade de recuperar um pouco a noite mal dormida, deita-se um pouco, mas logo acorda e decide ir ao encontro dos pais da mulher desconhecida com a finalidade de conseguir informações, de como e por que ela se suicidou. No entanto, descobre apenas que ela era professora de matemática no mesmo colégio onde estudou, o mesmo que Sr. José havia invadido e, antes que ele saísse da casa dos pais da mulher desconhecida, a mãe dela deu-lhe as chaves do apartamento, no qual ela morava.

No dia seguinte não perde tempo e pela primeira vez em seus muitos anos de trabalho e dedicação à Conservatória, toma uma decisão ousada, contrariando seus princípios ele resolve faltar ao trabalho. Quando o indivíduo se lança na imensidão íntima, segundo Bachelard, ele tem visões do infinito o que ele chama de teste da planície, que nos permite crescer, pois quanto maior forem as visões do infinito do homem, mais longe ele poderá ir. Por isso antes que terminasse de amanhecer, o personagem sai a pé em direção à escola, deixando a casa da mulher desconhecida por último, vai pelas ruas da cidade ainda tranquila por ser ainda muito cedo, como no início da vida tudo é mais calmo, ao passo que vai se aproximando do colégio ao passo que o dia vai clareando, e começa a surgir os medos e inseguranças. Porém, na escola as únicas informações que obteve foram de que ela era uma ótima professora e que se dava bem tanto com os colegas de trabalho quanto com os alunos.

Ao sair dali, vai ao apartamento da mulher desconhecida. Já dentro da casa, ele observa atento todos os detalhes e fica a imaginar que a dona daquela casa jamais vai retornar, começa então a procurar por algo que pudesse esclarecer o suicídio, uma carta um diário, qualquer anotação, um último adeus, mas não encontra nada. Devido as descobertas, o protagonista não era mais a mesma pessoa, ele não sente mais a necessidade de descobrir os motivos da morte da mulher desconhecida. Para Bachelard, todo sentimento que nos faz crescer planifica a nossa situação no mundo, e “mudando de espaço, deixando o espaço das sensibilidades usuais, entramos em comunicação com o espaço psiquicamente inovador (...) não mudamos de lugar, mudamos de natureza” (BACHELARD, 1995, p.210). Ao sair em busca do desconhecido, o ser fictício em **Todos os Nomes** adquire uma nova perspectiva de vida, não é mais o mesmo desconhecido de todos.

Tendo o personagem adquirido através de sua busca um olhar diferente sobre a vida, pois o que importava era a vida e não a morte, decide voltar para casa. Ele toma um táxi, mas ao invés de parar em sua casa que fica atrás da Conservatória, o táxi para em frente, o que permite-lhe ver de imediato que as luzes lá dentro estão acesas. Ao dar a volta à Conservatória fica paralisado, nota que sua pequena casa também está com as luzes acesas, tem certeza de que o chefe é quem está lá dentro, sem saber o que fazer entra porta a dentro, de fato o chefe está lá sentado ao lado da mesa onde continham as credenciais falsificadas, o caderno de apontamento bem como o verbete da mulher desconhecida. As ações do ser fictício não eram mais desconhecidas, ele havia sido descoberto, não era mais segredo sua busca, ao perguntar ao o que chefe fazia em sua casa, este logo responde que também é dono da casa, tendo em vista, que ele também tem a chave da casa, ele fazia parte da historia do personagem o acompanhava em sua busca, tendo com isso a oportunidade de se libertar também das convenções sociais a ele impostas. Porém, o empregado sem saber o que fazer, diz de imediato ao conservador que no dia seguinte, logo de manhã irá lhe apresentar sua demissão, no que é surpreendido, diz que não iria aceitar, e confessa que sabia o que ele vinha fazendo há tempos, e pede que lhe conte os últimos acontecimentos sucedidos depois das últimas anotações do caderno de apontamento. Este enredo nos proporciona observar que a busca do Sr. José não transformou apenas a ele, o conservador havia sido afetado pela busca do ser fictício de José Saramago. Ele também passou a ser notado, podemos voltar ao momento em que ele demonstra interesse pela saúde do Sr. José, todos ficam admirados, pois ninguém o havia visto demonstrando reação semelhante. Não seria ele mais um anônimo? Por isso, todos se admiraram da atitude do conservador? O fato é que ele já não era o mesmo. A busca do Sr. José tinha transformado não somente a ele mas ao seu chefe também. Por isso, após saber das

novidades sobre a busca no Cemitério bem como na escola e na casa da mulher desconhecida, o conservador aconselha o personagem não desistiria da busca, pois não havia notado o certificado de óbito da mulher desconhecida. E, sendo apoiado pelo conservador, o ser fictício de Saramago, ansioso por dar sequência a sua busca, põe-se de pé ciente de que deveria ser feito um novo verbete, no qual não constasse a data de falecimento da mulher desconhecida. E quanto ao certificado de óbito, ele sabia poderia encontrá-lo no mesmo lugar onde encontrou o verbete nos arquivos dos mortos. Sem perder tempo, entra na Conservatória, munido de uma lanterna e agora com o fio de Ariadne entra na imensa escuridão do labirinto, no qual constavam todos os nomes tanto dos vivos quanto dos mortos dando sequência a sua busca interminável, pois ele não podia simplesmente se dar por vencido, o fato da mulher não estar mais viva não significava que ele também não estivesse ainda havia muito que descobrir sobre si mesmo. A busca aqui observada nos possibilita percebermos a forma como a literatura nos leva a refletir sobre nossa condição humana, como nós olhamos o mundo e como nos comportamos diante dele. Segundo Compagnon, “cada homem traz em si a forma completa da condição humana” (1991, P.36), nisto entendemos que o homem é capaz de seguir seu próprio caminho. Como ensina o autor citado, a literatura trata das questões da ficção e da realidade, possibilita ao indivíduo se ver dentro da obra, podendo com isso trilhar os caminhos por ela indicados, a fim de libertar-se das regras impostas pela sociedade, e que levam o sujeito a viver alienadamente. Através da literatura o homem passa a ter consciência do inconsciente, e com isso encontra forças para viver uma verdadeira experiência de liberdade.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que a literatura tem como fundamental função libertar o homem, oferecendo a ele a oportunidade, de conhecer a si vencendo seus limites, levando-o a ter consciência de seus medos podendo com isso procurar meios de se libertar deles, a figura humana apresentada na obra de Saramago tem o objetivo de nos fazer refletir sobre nossa condição humana na sociedade. Qual tem sido nosso comportamento diante de uma sociedade alienada? Esse processo pelo qual o personagem se lança em busca do desconhecido a fim de encontrar a si próprio, permite ao homem o resgate da individualidade há muito perdida. É importante salientar que, para que se adquira o direito à liberdade se faz necessário romper com os medos e sair do comodismo a fim de encontrar a si. O texto de José Saramago retrata a crise da condição humana, bem como ele se sente insatisfeito com essa condição, e o que se pode fazer para sair desse vazio existencial no qual o sujeito encontra-se. Por falta de uma identidade o ser fictício se vê vivendo a sombra de outros, sem ter uma personalidade própria sente-se um nada.

O presente texto mostra as possibilidades de o indivíduo adquirir uma consciência crítica através de conhecer a si próprio. Para isso o personagem principal teve como inspiração a busca pelo desconhecido, tendo com isso a possibilidade de viver momentos de prazer proporcionados por essa busca, permitindo a ele não ser mais tratado com indiferença. Esse inconformismo produz no indivíduo a necessidade de conhecer a si. Observamos no texto de Saramago que o homem saiu de sujeito anônimo para ser visto e reconhecido como cidadão, no entanto antes de encontrar sua identidade muitas vezes ele a perdeu, em momentos que não sabia mais que rumo tomar, mas é importante não desistir, tomando se necessário, novos rumos. Ao observarmos o personagem de Saramago, notamos que para alcançarmos o direito a liberdade é necessário atravessar vários obstáculos, conflitos e medos. O fato de o homem sentir-se só em meio à sociedade faz com que ele avance rumo ao desconhecido, como forma de saber mais de si e não sentir-se tão insignificante, da a ele a oportunidade de priorizar o que de fato é importante em sua vida, quem são as pessoas que realmente merecem sua atenção. O homem passa a dar mais valor a si próprio.

O texto de José Saramago através de seu personagem, dá vida e sentido ao enredo, pois inicia-se por meio dele uma trama de busca e descobertas, na qual a um resgate da individualidade do sujeito na sociedade pós-moderna. O retrato da crise da condição humana é colocado, como forma de demonstrar o caos existencial do homem. As incertezas levam o sujeito a querer saber de si podendo com isso compreender o vazio que o envolve. O ser

fictício de Saramago nos proporciona por meio de ficção, obtermos uma interpretação do indivíduo, como é possível abandonar o vazio existencial alcançando com isso uma identidade própria. Pois o homem necessita sentir-se amparado seguro e quando ele não tem esse amparo, sente a necessidade de agarrar-se a algo que o faça se sentir especial, por isso o ser fictício de Saramago, a fim de sentir se importante e lutar contra a indiferença da sociedade descobre que além de ser desconhecido da sociedade ele o era de si mesmo, isso gera nele um inconformismo levando-o a querer saber de si, e para isso é necessário que o sujeito trilhe novos e misteriosos caminhos, o labirinto, no qual o homem se depara serve para ele se esvaziar seu velho eu e encontrar sua nova identidade a medida que vence seus medos podendo com isso experimentar a sensação de libertação que o oprime, o impedindo de criar sua própria historia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. “A literatura o direito à morte”. In: **A Parte do Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001

CANDIDO, Antonio. “O Direito à Literatura” in **Vários Escritos** 3ª Ed. Ver. e ampl- São Paulo: Duas cidades 1995.

CHAUÍ, Marilena. In: Novaes, Adauto. [et al.]. “Janela da alma, Espelho do mundo” in: **O Olhar** - São Paulo: Companhia de Letras. 1988

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 3ª ed são Paulo- 1994.

ECO, Umberto. “A força do falso” in **Sobre a Literatura** – Rio de Janeiro. Record. 2003

GASTON, Bachelard. **A Poética do Espaço**, [tradução Antonio de Pádua Danesi; ver. Rosimary Costhek Abílio.] São Paulo: Martins fontes, 1993.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade/** 9ª Rio de Janeiro: DPeA, 2004

LIPOVESKI, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo “narciso ou a estratégia do vazio” / Barueri, SP: Manole, 2005.

MACHADO, Madalena Aparecida. **O homem da pós-modernidade: a literatura em reunião** / — Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

POUZADOUX, Claude. “Rumo ao minotauro” in Contos e lembranças da mitologia /- São Paulo: companhia das letras, 2001

PERRONE-MOISÉS, Leyla “A criação do texto literário” in **Flores da Escrivantina**, - São Paulo: companhia das letras, 1990.

SARAMAGO, José. **Todos os Nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.